

O DESAMPARO E O CAMPO DO ANGUSTIANTE: O HORROR, TERROR E ESTRANHO NO TRABALHO

The helplessness and the field of distress: the horror, fear and weird at work

Danniella Davidson Castro
Universidade de Brasília - UNB

Emilio Peres Facas
Universidade de Brasília - UnB

RESUMO

Este artigo tem por objetivo principal problematizar as relações entre o trabalho e o desamparo a partir do campo do angustiante, o qual podemos compreender a partir das formulações freudianas e lacanianas. Nosso eixo central de questionamento consiste em problematizar o contexto de trabalho bordejado pelo horror, o terror e o estranho. Para tanto, serve-se de uma revisão bibliográfica de autores do campo da psicanálise que tornam possível fazer esse recorte. Em um primeiro momento, realiza-se um estudo sobre o conceito de desamparo nas teorias de Sigmund Freud e Jacques Lacan. Em seguida, contextualizamos o campo do angustiante, em especial o horror, o terror e o estranho. Por fim, trazemos vinhetas de entrevistas realizadas com os fiscais da Vigilância em Saúde do Trabalhador do seu cotidiano de trabalho, para melhor vislumbrarmos o alcance dessas questões.

Palavras-chave: Desamparo; Trabalho; Fiscais; Horror; Estranho.

ABSTRACT

This article's main objective is to problematize the relationships between work and helplessness from the field of distress, which we can understand based on Freudian and Lacanian formulations. Our central axis of questioning consists of problematizing the work context bordered by horror, fear and the weird. Finally, we use a bibliographical review of authors in the field of psychoanalysis that make this selection possible. Firstly, a study is carried out on the concept of helplessness in the theories of Sigmund Freud and Jacques Lacan. Next, we contextualize the field of distress, especially horror, terror and the weird. Finally, we bring vignettes from interviews carried out with Occupational Health Surveillance inspectors in their daily work, to better understand the scope of these issues.

Keywords: Helplessness; Work; Inspectors; Horror; Weird.

INTRODUÇÃO

O presente artigo se apresenta como um desdobramento da nossa pesquisa de mestrado¹, a qual teve como principal proposta investigar e problematizar as relações entre o desamparo e o trabalho de fiscais da Vigilância em Saúde do Trabalhador, tendo o campo do angustiante como eixo articulador. Nessa perspectiva, o principal objetivo é articular o desamparo ao trabalho, atravessado pelo campo do angustiante. Em um primeiro momento, realizaremos um estudo sobre o conceito de desamparo nas teorias de Sigmund Freud e Jacques Lacan, desde as primeiras ideias de Freud sobre o desamparo como dependência do recém-nascido até a proposição lacaniana sobre a falta de garantias do humano. Em seguida, contextualizamos o desamparo através do campo do angustiante em suas faces do horror, o terror e o estranho. Por fim, trazemos vinhetas de entrevistas realizadas com os fiscais da Vigilância em Saúde do Trabalhador do seu cotidiano de trabalho, para melhor vislumbrarmos o alcance dessas questões.

DESENVOLVIMENTO

O desamparo e suas veredas

Desde o início, Freud mostra que era necessário um aparelho psíquico para apreender o mundo diante da fragilidade de sua constituição psíquica, da dependência de um outro. Freud (citado em Pereira, 1999; Menezes, 2008; Masson, 2021) postulou à ideia de desamparo (*Hilflosigkeit*), ou de sujeito desamparado em dois tempos: em um primeiro momento, para se referir à prematuridade do ser humano às exigências de suas necessidades vitais e em um segundo tempo referido a total falta de garantias à vida humana. Entendemos, então, o desamparo, como estado ou condição inicial de alguém que se encontra “sem ajuda”. Segundo Pereira (1999)

... este estado de abandono diante do desejo desconhecido do Outro constitui, para Lacan, o plano de *Hilflosigkeit* à base do afeto de angústia ... é do desejo absoluto do outro que ela [a criança] precisa ser preservada. O desamparo é, então, uma condição estruturante diante da qual o indivíduo precisa situar-se. Trata-se de uma submissão ao desejo do Outro, em razão da impossibilidade de se defender do desejo onipotente. Contudo, disso o sujeito precisa livrar-se, ou seja, contra tal submissão ele deve lutar a fim de encontrar seu lugar (p. 233).

Na construção do conceito de desamparo, a preocupação inicial de Freud (1895) ainda estava voltada para colocar a Psicanálise no estatuto

1 Castro, D.D.(2022).O desamparo e o campo do angustiante no trabalho dos fiscais da vigilância em Saúde do Trabalhador em uma Unidade Federativa do Brasil. Dissertação de mestrado. Programa de Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações da Universidade de Brasília, DF, Brasil.

de ciência, ancorado nas ciências biológicas, naturais e ele se dedica a descrever e detalhar as ligações neuronais e a quantidade de energia envolvida nos processos psíquicos dos indivíduos. O desamparo é referido, por ele, como um acontecimento de grande excitação interna e descrito em termos de excesso de energia endógena que demanda uma descarga. Ao avançar em seus estudos, o autor tece uma rede entre sexualidade infantil, amor, cuidado e desamparo. Essas questões da dependência do outro nos lembra que ela é a condição que coloca a criança em perigo, justamente, por depender desse adulto. Mais adiante, nas publicações sobre a etiologia da histeria, (Freud, 1896) o desamparo aparece como sentimento, vinculado a uma impotência, que contribuiu para o surgimento dos sintomas dos pacientes histéricos, sintomas compreendidos como uma formação de compromisso entre o seu desejo e as normas morais impostas pela sociedade.

Nessa perspectiva social, Freud (1913) ao nos trazer a proposta do mito de fundação da cultura assentada sobre o parricídio, apresenta uma inquietante face do desamparo, ao apontar a ambivalência dos impulsos amorosos e ao mesmo hostis e mortíferos do adulto para com o recém-nascido (Pereira, 1999; Menezes, 2008). Ele chama a atenção para a estranha necessidade de proteger esse recém-nascido através da instauração de tabus na vida em sociedade. Esse ato parece indicar que não há apenas sentimentos bons e nobres para com as crianças. Essa ideia pode ser estendida mais além e alcançar as situações de fragilidade das mulheres e de vantagem de um indivíduo sobre o outro.

Ao formular sua teoria sobre a civilização, Freud (1930) entende a cultura como uma tentativa de amenizar a condição de desamparo em que o homem está mergulhado desde que nasceu e é forçado a conviver com um mal-estar que nos ameaça em três direções: “... de nosso próprio corpo condenado à decadência e à dissolução; ... do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras ... e de nossos relacionamentos com outros homens” (p. 95). Nessa afirmação, Freud apresenta as raízes da natureza humana, a qual está imbricada no homem até o último pedaço do seu ser. Mas, mesmo diante de todas essas crueldades, conflitos e animosidades que irão gerar ressentimentos posteriores, o homem precisa buscar seu semelhante no convívio social, o que mostra o paradoxo da cultura.

Tal lugar que possibilita a formação de laços, é, no entendimento do autor, responsável pela desgraça humana. Em tom sombrio, Freud continua a dar ênfase ao laço social como tentativa de dar conta do desamparo. Para ele, o mal-estar (*Unbehagen*) advém das renúncias pulsionais, fundamentais para que o homem consiga conviver em sociedade. Mas ele paga um alto preço por ter que renunciar à agressividade e à sexualidade: “O homem civilizado trocou um quinhão de suas possibilidades de felicidade por um quinhão de segurança” (Freud, 1930, p. 137). E ele não está disposto a perder tão facilmente.

Mas o laço social tornado possível a partir da renúncia e do deslocamento das pulsões e do controle da agressividade, desde o seu início, se mostra ilusório. Esta tentativa de ligação não se dá apenas entre sujeitos, mas, também, se faz com objetos, com a fantasia, o delírio, a arte e a sublimação, caracterizadas por Freud como técnicas

de viver. Na “arte de viver”, como mostra Freud, o homem lança mão da criatividade e elabora artifícios para tentar mitigar o sofrimento, por meio do isolamento espontâneo, das compulsões, das adicções, da ingestão de drogas e até do aniquilamento das pulsões, com a fuga para a neurose. Apesar de apontar essas saídas, Freud deixa claro que a felicidade não é possível e que cada um precisa achar uma técnica singular de viver. Quando Freud aponta o mal-estar na civilização (1930), de acordo com a interpretação de Birman (2014), o que resta ao sujeito é fazer a gestão desse mal-estar oriundo do desamparo até o resto de seus dias.

Com o avanço na teoria sobre a divisão pulsional, Freud (1920) modifica sua compreensão das pulsões que movem o sujeito, de pulsões sexuais e de auto conservação para pulsões de vida e de morte. E é esse algo de mortífero que faz com que o autor estabeleça uma correlação do desamparo com o campo do angustiante, no qual nos aprofundaremos adiante. Nesta perspectiva do desamparo, Pereira (1999) acrescenta o seguinte:

[...] a evolução teórica de Freud ante a questão do desamparo parece ir no sentido de “desacidentalizá-lo” em relação ao ‘evento traumático’, de colocá-lo para além de uma simples regressão a uma fase em que o pequeno ser humano encontrava-se completamente incapaz de sobreviver por seus próprios meios, de encontrá-lo além das figuras aterrorizantes do superego, para conferir-lhe um estatuto de dimensão fundamental da vida psíquica, que indica os limites e as condições de possibilidade do próprio processo de simbolização (p. 127).

Depois de traçar um panorama do desamparo na obra de Freud, apresentaremos o pensamento de Lacan para abordar o problema do desamparo na constituição humana. Lacan (como citado em Pereira, 1999) parte da concepção de desamparo tal como Freud, no estágio inicial da vida humana, da prematuridade do *infans* e da experiência do nascimento para falar da necessidade de ajuda do ser humano em seu desenvolvimento psicomotor até chegar ao desamparo como um fato de linguagem. Em seu artigo “Os complexos familiares na formação do indivíduo” (1951) ele considera que a prematuridade do pequeno humano o coloca em dificuldades ao nascer. No trauma do nascimento, Lacan (1951 citado em Pereira, 1999) enxerga algo de positivo, a saber: apesar de ser uma condição de deficiência, é o que torna possível um modo muito específico de relação com os pais ou com as figuras cuidadoras.

É, portanto, a partir e por meio dessa condição de prematuridade que a criança será inscrita humanamente no seio dessa família e será colocada em uma posição de total subordinação, na qual não é capaz de fazer críticas. Lacan (1951) afirma que “... a realidade da miséria fisiológica própria aos primeiros meses da vida do homem” (p. 138) tem, por consequência, uma situação de dependência. Esta situação evidencia uma separação irremediável, diante da qual nada poderá reparar. Nessa separação pode-se vislumbrar o objeto para sempre perdido, diante do qual toda a tentativa de tamponar essa falta radical será frustrada e que irá trazer implicações importantes que perdurará durante toda a sua vida, conforme a compreensão de Lacan. Essa experiência faz uma marca, é algo que ultrapassa a dimensão do puramente biológico, que sublinha

uma falta fundamental e aparecerá como uma inscrição significativa na história do sujeito (Pereira, 1999).

A prematuridade do sistema nervoso do recém-nascido leva Lacan a refletir sobre a não unificação do corpo do bebê e a propor no texto “O estádio do espelho como formador da função do eu” (1936/1998) a experiência do “estádio do espelho”, baseada em Wallon, no qual um adulto segura uma criança no colo diante de um espelho para que ele se veja projetado ali, embora não seja dessa racionalidade e simplicidade que se trata o estádio do espelho. Essa experiência é pensada por Lacan como uma intervenção do adulto na constituição da imagem do corpo próprio ao confirmar esse corpo próprio como sendo o da criança. É uma intervenção no campo do imaginário, da consistência e no campo do simbólico, de uma garantia de reconhecimento por esse adulto. Sem esse investimento do adulto, não seria possível, nos diz Lacan, que uma imagem estável do corpo seja instaurada, além de correr o risco de desmoronamento da imagem corporal.

Essa relação objetual da criança de dependência com a figura materna, se dá, segundo Lacan, como um dom, uma dádiva, um pedido de amor, que é sempre frustrado nas ausências da mãe, a mãe sempre falha. Nesse jogo amoroso, a criança logo percebe e fantasia que possui uma espécie de poder diante do que a mãe almeja, de querer ser tudo para a mãe, tem uma dependência de amor. Mas ela não sabe o que a mãe deseja nem o que quer dela (Pereira, 1999). O desejo constitui um perigo de conflito com o Outro, suposto pelo sujeito como um ser superpotente e absoluto (Pereira, 1999). Nessa perspectiva, Lacan (1958) nos dá uma contribuição valiosa ao articular o desamparo à dialética do desejo. Ele propõe que a criança está desamparada diante de um desejo opaco, que vem do Outro, mas que não se mostra, é obscuro.

Para Pereira (1999) só pelo fato de ter essa necessidade de ajuda de um outro ser humano, já se deve entender que há um desamparo originário. E é justamente nesse processo de simbolização que fica mais evidente o desamparo, no qual o sujeito se vê diante da falta no outro e de seu próprio discurso, que não oferece e não pode oferecer nenhuma salvaguarda. O desamparo, na perspectiva psicanalítica, vai além do físico, do orgânico, do psicomotor e do biológico como um estado de pura necessidade. Há uma falta inaugural, uma dependência absoluta e irremediável não apenas de cuidados, mas do amor, que se converte em uma dívida simbólica com esse Outro da linguagem.

O desamparo, ao mesmo tempo em que coloca o sujeito à mercê desse Outro, provoca uma abertura para o social, abre um espaço de uma relação possível. Entretanto, é preciso escapar da armadilha ilusória da completude. Lacan parte da concepção de desamparo tal como Freud, no estágio inicial da vida humana, em seu desenvolvimento psicomotor até chegar ao desamparo como um fato de linguagem. Na visão de Lacan, a análise passa pelo encontro e a significantização desse desamparo.

No caminho teórico que percorremos, observamos que a Psicanálise mostra que somos sujeitos forjados no desamparo, é esta uma condição estruturante e fundante. Vimos que há dois períodos na obra de Freud e Lacan que marcam o modo de ver o desamparo: o primeiro é a dependência

de cuidados do recém nascido e depois a total perda de garantias na vida. O entendimento a que chegamos, a partir da leitura psicanalítica, é que não há qualquer salvaguarda, sequer estabilidade para o sujeito, ele tem que investir no seu desejo dia após dia e, também, ele corre riscos dia após dia. Esse é o principal e mais verdadeiro mote da vida humana. Nesse aspecto, a angústia seria tanto uma forma de anteparo para essa condição inaugural, quanto um dos modos do sujeito lidar com esse desamparo segundo Lacan.

Angústia: O afeto que não engana

No lugar irremediável da falta há duas questões importantes: o sujeito não escapa do desamparo nem o supera. O desamparo marca um lugar desde o nascimento do sujeito e é revivido durante toda a sua vida na perda década objeto, em cada situação, em cada momento, pois o que estava planejado se desfaz sem que o sujeito possa controlar o que acontece. Conforme o autor supracitado, “na presença primitiva do desejo do outro como opaco, como obscuro, o sujeito fica sem recursos” (p. 78). E é neste instante que o sinal de angústia se presentifica, ou seja, quando o sujeito se depara com o desejo do Outro, ela sinaliza um perigo, que remete ao desamparo primordial. A “... angústia se produz como um sinal no eu, sobre o funcionamento da *Hilflosigkeit* a qual ela é enquanto sinal chamada a remediar” (p. 28). No seminário sobre a Transferência (1960) Lacan apresenta uma diferenciação entre a situação de perigo, a situação de angústia e o *Hilflosigkeit*:

O sinal de angústia tem uma ligação absolutamente necessária com o objeto do desejo. Sua função não se esgota na advertência de ter que fugir. Ao mesmo tempo em que realiza essa função, o sinal mantém a relação com o objeto do desejo. ... No *Hilflosigkeit*, o desamparo, o sujeito é pura e simplesmente transtornado, ultrapassado por uma situação eruptiva que não pode enfrentar de modo algum. Entre isso e empreender a fuga – fuga que, para não ser aqui teórico, o próprio Napoleão considerava a verdadeira solução corajosa quando se tratava de amor – existe uma outra solução, e é o que Freud nos indica sublinhando na angústia seu caráter de *Erwartung*. Aí está a característica central. O fato de que possamos fazer dela, secundariamente, a razão de fugir é uma coisa, mas não é este o seu caráter essencial. Seu caráter essencial é o *Erwartung*, e é isso o que designo a vocês ao dizer-lhes que a angústia é o modo radical sob o qual é mantida a relação com o desejo. ... a angústia é o último modo, modo mais radical sob o qual é mantida a relação com o desejo (pp. 444-445).

Enquanto no desamparo não há como fugir, a angústia pressupõe uma espera e está ligada ao objeto de desejo. Na perspectiva lacaniana, é diante da e pela via da angústia que o sujeito irá se implicar e se colocar em contato com o seu próprio desejo. No seminário dedicado à angústia, Lacan (1962) retoma as teses freudianas relativas ao afeto e apresenta contribuições para a teoria do desamparo. Essas contribuições

dizem respeito ao campo do desejo, mais especificamente do desejo do Outro, o tesouro dos significantes, um desejo que se mostra como opaco, um enigma, ao mesmo tempo que pode ser da ordem do excesso. O autor metaforiza a obscuridade do desejo do outro mediante a metáfora do louva-a-deus fêmea. O autor escolhe essa espécie de inseto para falar sobre o desejo pela particularidade do louva-deus fêmea devorar o macho após o acasalamento. Na fábula, ele nos coloca como espectadores de uma cena potencialmente mortífera.

Na situação alegórica transposta para a vida, o enigma de não saber quem é diante do desejo do Outro que se mostra como opaco, pode paralisar o sujeito e o convoca a lidar com o seu desamparo, já que está sem recursos. O que manifesta a angústia, neste contexto, é não saber ao certo quem mesmo ele é e que lugar ocupa em relação ao desejo do Outro. A pergunta: “O que queres de mim – *Che vuoi?*” é aterrorizante, na medida em que o Outro não oferece resposta. Ao traçar um paralelo com Freud, a angústia estaria relacionada ao abandono enquanto em Lacan está relacionada ao medo de ser devorado pelo outro. De acordo com Besset (2002), com base na tese lacaniana “O desejo do homem é o desejo do Outro”, podemos entender que “a angústia se instala no momento em que o sujeito se percebe implicado no desejo do Outro, sem, contudo, conseguir situar-se em relação à demanda que o Outro lhe parece dirigir (p. 110).

Segundo Pereira (1999), a angústia mostra sua face quando a criança está diante da voracidade do desejo desse outro, que Lacan (1969) metaforiza na mãe-crocodilo, uma figura pronta para devorar seu bebê, incorporá-lo a ela novamente. A angústia seria, portanto, um afeto que não engana está não do lado da falta, mas quando a falta vem a faltar, isto é, da presença mortífera do desejo do Outro. No pensamento de Lacan (1953), o homem vem ao mundo como um naco, um pedaço de carne, que nasce num estado de impotência e cuja sobrevivência depende que alguém ouça seus gritos e venha lhe prestar socorro. Esse sujeito desamparado por natureza vai se constituir no contato com o desejo do outro, no banho de linguagem, naquilo que é falado por alguém que lhe é estranho antes de nascer, que é objeto de suas fantasias e alienado no desejo do Outro.

Para Pereira (1999) só pelo fato de ter nessa necessidade de ajuda de um outro ser humano, já se deve entender que há um desamparo. É justamente nesse processo de simbolização que fica mais evidente o desamparo, no qual o sujeito se vê diante da falta no outro e de seu próprio discurso que não oferece e nem pode oferecer nenhuma garantia. O desamparo, na perspectiva psicanalítica, vai além do físico, do orgânico, do psicomotor e do biológico como um estado de pura necessidade. Há uma dependência absoluta e irremediável não apenas dos cuidados, mas do amor, que se converte em uma dívida simbólica com esse Outro da linguagem. O desamparo, ao mesmo tempo que coloca o sujeito à mercê desse Outro, provoca uma abertura para o social, abre um espaço de uma relação possível. Entretanto, é preciso escapar da armadilha ilusória da completude.

O campo do angustiante

Freud (1926 citado em Pereira, 1999) trata a angústia não apenas como algo isolado, mas a amplia para outras situações que envolvem a relação com outros sujeitos e a cultura. O campo do angustiante é multifacetado, visto como junção de várias modalidades de angústia, presentificada pela face da angústia em si (*Angst*), do terror (*Schrek*), do infamiliar/ a inquietante estranheza (*Unheimlich*), do horror (*Grawen*) e o pânico (*Panik*) (Pereira, 1999). Não há em Freud uma gradação desses lugares, nem um grau de importância maior ou menor, mas de possibilidades de pensar a angústia em diversas situações. Discorreremos sobre esses lugares.

Há o terror, no qual falta a dimensão da representação e o sujeito se depara com o olhar vazio da morte, fica paralisado, como na hipnose de terror dos animais. O horror, que comporta a dimensão visual, envolve uma imagem estética, uma cena em que o sujeito se depara com a castração de uma suposta onipotência do Outro e se pergunta: o que o sujeito espera dele? No que invade e do que paralisa, a angústia tem um lugar fundamental ao proteger o homem contra o desamparo radical, que tem no ataque de pânico sua face brutal. O pânico é o ápice do transbordamento, um desmoronamento das ilusões dos laços do sujeito com o Outro, seu objeto amado, com um ideal que lhe sirva de referência, seu objeto fiador, pré histórico e inesquecível. Por outro lado, o estranho *das Unheimliche* ou infamiliar representam uma complexidade e uma ambiguidade em sua composição. Na inquietante estranheza, há algo que deveria ter ficado recalçado e veio à luz, algo que é familiar ao sujeito e que retorna, que provoca uma sensação de estranhamento. Freud dizia que o homem se defende do terror através da angústia, é o que impede o transbordamento presente nos ataques de pânico, no qual o sujeito é submerso em um estado avassalador (Laplanche, 1981;1993) Essa complexidade semântica nos faz abrir uma fenda para nos dedicar a essa palavra-sentimento-conceito, que merece uma cuidadosa explicação.

De início, pôde-se ler que o *Unheimlich* é uma miscelânea conceitual: é, ao mesmo tempo, um acontecimento que bordejia a literatura, a estética, a cultura e o psiquismo. Freud dialoga com Schiller e Jentsch (1919) ao dizer que *Das Unheimliche* é tudo que deveria permanecer recalçado e que se torna manifesto. Nas diversas tentativas de tradução e de encontrar o melhor caminho para tentar abarcar as inúmeras possibilidades que o *Unheimlich* apresenta, Freud destaca que o par íntimo-secreto é o que mais se aproxima do que ele quer dizer. Nessa idéia de se aproximar da casa, do doméstico e do familiar, podemos trazer Maguerite Duras (2022) que diz: “É numa casa que a gente se sente só, não do lado de fora, mas de dentro.”

Chama a atenção a polissemia que cerca a palavra *Unheimlich*, que modifica a língua alemã e que é amplamente explorada por Freud. O familiar se torna infamiliar por coincidência semântica ao virar a palavra pelo avesso. E é pelo lado de dentro que Freud nos mostra o *Unheimlich*. Ele coloca a si próprio em lugar de exceção, pois adverte que não é hábito dos psicanalistas se deterem sobre questões estéticas.

Ele não se refere apenas ao que causa horror no infamiliar, mas algo que nos dá a sensação de familiaridade, o que nos retira da posição de sujeito e nos coloca na posição de objeto, ao nos pegar desprevenidos, nos causa angústia. Esse adjetivo que pertence ao campo do angustiante, ao lado do horror e do terror, que não depende da intelectualidade e racionalidade, também é íntimo, somos muitas vezes traídos pela nossa percepção.

A partir de Ernst Jentsch, Freud (1919) faz outra abordagem do *Unheimlich*, que é duvidar da vida anímica dos objetos que guardam semelhança com os medos infantis, como bonecas de cera, mas também em relação à cadáveres, espíritos e fantasmas, tal como já havia feito em *Totem e Tabu* (1913). Essa dúvida é estendida para o campo da literatura e utilizada como artifício para construir contos fantásticos que criam efeitos da ordem do incômodo em nós.

Outro ponto importante a ser destacado é o inquietante ligado à onipotência de pensamentos, a compulsão à repetição, o duplo e o recalçamento. Para Freud, o infamiliar, ao contrário de Jentsch, não tem a ver com a incerteza intelectual, mas com o mais profundo desagrado. *Unheimliche* de acordo com Freud carrega uma multiplicidade: é palavra, sentimento, sensação, efeito, impressão, característica. Além disso, a *Unheimlichkeit* – estranheza ou estranhamento – nos lança em direção à *Hilflosigkeit*, ao desamparo infantil que abrange as muitas questões culturais, desde o sonho, onde o sujeito se encontra indefeso e sem ajuda, até a apavorante ideia de que irá acontecer algo que não podemos intervir nem do qual possamos tentar escapar. (Portugal, 2006)

A palavra *heimlich* pode ser portanto empregada tanto para indicar o que é familiar e agradável quanto o que está oculto e fora da vista. É uma metade nossa, mas que é vista como um ponto cego, que não permite ação. Freud também traz o *Heimlich* para se referir às partes íntimas do corpo humano, aquelas que se fosse pela moral, deveriam estar cobertas, mas também aquelas mais frágeis, que podem ser machucadas, o que remete, ainda que de maneira indireta, à angústia de castração. (Iannini e Tavares, 2019) Mas nem tudo que é novo é estranho, como por exemplo os contos de fadas, citado por Freud (1919) onde o estranho é dissolvido na ficção. O que seria capaz de causar esse impacto do estranhamento, do medo, do terror? Freud dá o exemplo do nome próprio como estranho, ao citar um texto de Gutzkow: “Os Zecks [nome de família] são todos “*heimlich*”. O que você entende por *heimlich*? Bem...são como uma fonte enterrada ou um açude seco. Não se pode passar ali sem ter sempre a sensação de que a água vai brotar de novo”. Essa sensação de que a terra vai desaparecer debaixo dos nossos pés é sinistra pela ameaça e estranha por querer dizer uma ruptura de algo sólido, de um ponto de apoio, de onde a confiança do sujeito está, que vai conseguir atravessar.

Freud questiona como lidamos com o estrangeiro, que tem algo de familiar conosco, mas que nos ameaça e nos angustia. Em sua aproximação com o campo da arte, ele retoma a estética como a doutrina das qualidades do sentir, para além da doutrina do belo. Ele elege a palavra à dignidade da coisa, e devolve a palavra à língua com a marca da psicanálise. (Iannini e Tavares, 2019) Esse ato de Freud ressignifica a palavra com

o selo do incômodo, do que não se pode traduzir, do que não cessa de não se deixar traduzir. (Cassin, 2018)

No texto sobre o infamiliar, (1919) o caminho se dá em três direções: o campo da língua, em sua forma e substância, com a estrutura e o que contêm, os objetos e o campo da estética, nele contido o da arte e da literatura. *Das Unheimlich* tem uma dupla direção: como uma positividade e uma negatividade, ele é! Em seu aspecto positivo, é uma palavra e é um conceito, ou seja, é uma palavra-conceito. (Iannini e Tavares, 2019) Por essa razão, não se pode separar a palavra do conceito, apesar da tentação de dissecar as palavras, que a tradição universitária e acadêmica convoca. Mas ele também nega a palavra, através do prefixo *un*, partícula negativa que tem a ver com o recalque. (Iannini e Tavares, 2019)

Em Lacan, trazemos o infamiliar também ao lado da angústia e do objeto *a*, mas damos ênfase a duas palavras: a anamorfose e a afânise, exploradas pela literatura fantástica. A anamorfose diz de uma imagem que pode ser olhada por um outro ângulo e causar estranheza, como a imagem dos embaixadores trabalhada por Lacan (1964). Na pintura, em meio a objetos de riqueza e ciência, na esquizofrenia do olho e do olhar surge uma caveira que estava em plena vista, mas de um outro ângulo. Já a afânise, também utilizada na arte, diz de um desaparecimento do sujeito.

Neste trabalho, fizemos um recorte de três modalidades do campo do angustiante que interessou à nossa pesquisa: o horror, o terror e o estranho ou infamiliar. Vamos nos aprofundar nesse recorte do campo do angustiante, principalmente no conceito de *unheimlich* trabalhado por Freud (1919) para nos aproximarmos do mundo do trabalho. Mas o que isso tudo tem a ver com o trabalho? Podemos pensar em uma aproximação da estética com o trabalho, mas do lugar do *Unheimlich*, do que não é belo, positivo, asséptico, harmônico (Han, 2019), assim como Freud. A experiência do estranho é um limiar que pode portar a sensação do mortífero, sombrio. E o que essa experiência produz no sujeito? No trabalho, não há como fazer um anteparo aos órgãos dos sentidos, depara-se com o real, o impossível de dizer, o indizível. Essas situações do cotidiano de trabalho quando os sentidos e o senso de orientação são colocados em questão. Não se trata apenas de uma incerteza intelectual do que se passa diante dos sentidos do sujeito fiscal, mas do retorno daquilo que não cessa de não se inscrever, como já nos dizia Lacan. O Infamiliar nos conduz ao contrário, ao avesso, um limite entre territórios nas cenas vistas e testemunhadas. As situações de estranheza ora evocam o campo do *nonsense*, ora mostram a face crua do horror.

Ao problematizar e refletir sobre a noção metapsicológica de desamparo em psicanálise e seu alcance, escolhemos essa vereda para abordar o campo do trabalho e articular as maneiras com que os sujeitos inscritos na linguagem e no laço social tecem suas relações no trabalho, observando, também, como a organização do trabalho irá ou não sustentar essa ilusão necessária contra o desamparo, bem como as maneiras que o desamparo vai ou não se manifestar no discurso. É esse campo sombrio e sem garantias que partimos ao tentar nomear as situações do desamparo e o campo do angustiante no trabalho. Nesse contexto, onde o significante trabalho ocupa um lugar central em uma cadeia azeitada por diversos

componentes políticos, sociais, macro e microinstitucionais orquestrados pelas organizações em suas várias vertentes, tivemos como pretensão investigar as condições de trabalho de quem atua para intervir no trabalho do outro, por vezes, insalubre, perigoso, que pode tirar a sua saúde e a sua vida.

O esgarçamento do sujeito e suas angustiantes experiências no trabalho

Destacamos, aqui o campo do angustiante (Freud, 1919; Pereira, 1999; Nóbrega, 2022) pinçado em seus pedaços pela linguagem no discurso dos fiscais, agora com a dimensão do horror, ao falar nos ambientes e processos de trabalho. Traremos três temporalidades para ilustrar o desamparo e o campo do angustiante. Em uma primeira parte das entrevistas pôde ser costurada uma cronologia entre desamparo e precarização, quando os trabalhadores, que ainda não eram fiscais, saíram dos seus lugares de trabalho de origem, devido à assunção da gestão das unidades hospitalares pelas Organizações Sociais, uma segunda linha, onde falam do horror, do terror e o estranho e pôr fim do desamparo associado à falta de garantias.

A primeira parte da temporalidade diz da saída dos fiscais das unidades hospitalares:

Teve vários profissionais que assim que a OS chegou eles foram pedidos pra sair O.S. é uma Organização Social, é uma empresa privada...Que o Estado vende o serviço público para eles...Quando essas empresas entram no serviço público, nós que já somos servidores, a gente acaba sofrendo alguns tipos de perseguições.

Nesse ponto, resgatamos o conceito de desamparo de Freud para tratar desse primeiro ponto do discurso sobre as Organizações Sociais. O desamparo faz uma costura nas falas dos sujeitos ao relatarem serem deixados à própria sorte e terem que procurar outro posto de trabalho, mesmo tendo estabilidade, diferentemente dos gestores da Organização Social, que não a possuem, mas portam uma autorização. Então, em um movimento de reviravolta, os servidores públicos que têm estabilidade são retirados de seu lugar por quem não tem essa estabilidade: eles estão à mercê de um outro. Nesse contexto da terceirização e da precarização do trabalho descritos nos hospitais, chega uma empresa que toma conta do local e dos trabalhadores, e que não admite resistências.

Nesse processo de colonização consentida pelo Estado, o trabalhador tem sua ética confrontada com o capital, ele não aguenta mais. A ordem “trabalhe e cale-se” é a injunção que presentifica, legítima a violência no trabalho (Vivés, 2020) e lança o sujeito em uma miséria subjetiva no trabalho:

E com o advento das OS a gente foi meio que...desmantelado...OS são as Organizações Sociais que começaram a tomar conta dos hospitais do Estado...E acabou que os servidores públicos em si eles foram muito...desvalorizados, estimulados a saírem, alguns inclusive convidados a sair para não ser deselegante...Mas nós fomos sendo atacados de

outras formas...Fomos sendo colocados para trabalhar em contêineres do lado de fora do hospital... Fomos sendo minados...Aí cada um foi pedindo para sair né? Arrumando outras colocações e saindo...

Em um cenário desfavorável, que acontece todos os dias no processo de terceirização, de forçar a substituição dos trabalhadores concursados e com estabilidade por contratos temporários, é a nova realidade que os trabalhadores precisam lidar, além da competição acirrada e estimulada entre os trabalhadores contratados e os concursados. O ritmo, a carga, os modos de trabalhar, as relações, tudo é modificado em prol de aumentar a produção até o limite e atingir números cada vez mais insanos, à expensas dos sujeitos. A aceleração e intensificação do trabalho, a gestão por estresse, o despotismo, são estratégias utilizadas para atingir alvos e superar metas. Nas novas/velhas formas de administrar o trabalho, se faz mais com menos, o dimensionamento de pessoas exigido para a tarefa não acompanha a exigência da produção, que sempre precisa ser expandida. Não se pode contratar mais funcionários porque é necessário cortar custos. Então, é preciso fazer com que quem esteja ali trabalhe o dobro, o triplo, o quádruplo, até chegar à exaustão. O que o capitalismo compra é a possibilidade de ultra exploração, a potência da força de trabalho infinita, com múltiplas possibilidades, para ser usada como bem lhe aprouver (Braverman, 1987).

A partir dessa primeira situação de desamparo relatada pelos sujeitos fiscais, pode ser feita uma reflexão acerca da gestão que estabelece exigências sobre-humanas e demanda sacrifícios contínuos, para além da capacidade dos sujeitos. Os modos de gestão e suas consequências para os sujeitos são discutidos por Gaulejac (2007), que chama a atenção para uma sociedade que está sob pressão contínua, de trabalhadores que temem perder seu emprego, em uma corrida para sempre fazer mais, sem perspectiva de linha de chegada, em uma busca de qualidade que nunca poderá corresponder à realidade, será sempre imperfeita.

Ao estendermos o fenômeno das Organizações Sociais para a coletividade, pensamos que a sociedade em geral, também, está mergulhada nesse engodo. Nessa perspectiva, a sociedade atual, também chamada de sociedade da performance (Facas, 2020) ou do desempenho (Han, 2015), compactua com o neoliberalismo, ao propagar a falácia da liberdade e o imperativo do máximo desempenho em seu discurso, no qual o sujeito é responsável por seu fracasso como empreendedor de si mesmo. Esse sujeito é peça de manobra utilizada pela Organização do Trabalho para alcançar seus objetivos. Sob essa ótica, o neoliberalismo é reconfigurado de patologia social para uma patologia necropolítica (Ferreira, 2020), que desrespeita a vida humana, cerceia o trabalho vivo e amplia o trabalho morto, pálido em suas cores, em que o saber absoluto dita as regras do jogo, o detalhamento dos procedimentos, dos protocolos, do prescrito sobressaem, sufocam a criatividade do sujeito e desertifica (Mendes, 2020):

“E aí no surto do H1N1 o despreparo né? A UTI lotada e tem dois pares de luva procê atender os pacientes e eu decidi que eu sairia dali”.

Nesse modo de gerir, na qual a lógica estabelecida é o alcance das metas e dos resultados, o sentido do trabalho é colocado em um lugar abstrato, ou seja, ele perde seu verdadeiro sentido. O autor investiga os fundamentos e características da gestão, que relega a palavra do trabalhador à insignificância e trabalha com a ideia de gestão como uma doença social. Na gestão soberana apontado por Gaulejac, o neoliberalismo é uma engrenagem que gera uma nova gramática de sofrimento psíquico e ao mesmo tempo vai gerenciar esse sofrimento através de um discurso e medidas disciplinares definidas pelas mãos do gestor (Safatle, 2020).

O trabalhador é desqualificado, colocado no lugar de fraco, de não cumprir suas obrigações, de não se adaptar às normas, de ser preguiçoso, de ser rebelde e de não gostar de trabalhar. Quando os atos de violência não funcionam e o trabalhador manifesta sua indignação e seu descontentamento com as condições de trabalho, o “pede pra sair” e “os incomodados é que se retirem” são as novas palavras de ordem, como formas para se livrar do trabalhador que questiona as ordens e que não está de acordo com a política da empresa. No caso em estudo, esses sujeitos desiludidos, desalojados, desamparados e em desespero, buscaram por conta própria outro lugar para trabalhar:

“Eu fiz um concurso pra Secretaria de Estado da Saúde, fui lotada no hospital. Aí começou a questão das OS e nós tivemos que ir para outros lugares.”

Em uma segunda temporalidade, é apontado o corpo do trabalhador como um lugar de sofrimento social e negritado o espanto do sujeito fiscal que se vê diante das situações degradantes de trabalho não só dos trabalhadores, mas, também, dos prepostos, dos representantes da empresa e de como isso os impacta. Ao mesmo tempo em que ele vê, duvida do que vê. Freud (1919) destaca a inquietante estranheza diante de uma cena, onde não se sabe se aquilo que se vê realmente está diante de si ou não está, em uma experiência de desorientação do olhar. Parece ser essa uma experiência de inquietante estranheza relatada pelos fiscais. Essa experiência é marcada pela estranheza quando o que eles vêem os olha de volta (Didi & Huberman, 2010) e lhes devolve o desamparo. Os fiscais são, em um primeiro momento, tal qual a fábula do Louva Deus trabalhada por Lacan, como espectadores de uma cena potencialmente mortífera:

“E, também, as meninas, uma fábrica de alho, as mulheres, uma fábrica de alho sem cadeiras, sentado em tamboretas e descascando alho para fazer tempero manualmente...e sem roupa, sem proteção nenhuma e o chão molhado o tempo todo, porque os alhos tem que ser lavados, jogado água no alho o tempo todo...e elas ali sentadas oito horas... e o cheiro muito forte né? Que é típico do alho... No movimento repetitivo... Jogava ali naquela máquina e os fios expostos no chão, então poderia matar várias pessoas ali naquele ambiente, se tivesse um curto... Ou alguma tropeçasse num fio, que não tinha canaleta de proteção... Então, quando

eu entrei eu vi aquilo, eu falei: Jesus, misericórdia que que é isso né? Que que tá acontecendo aqui?.”

Os fiscais falam do corpo em dois momentos: os corpos dos trabalhadores e o seu corpo próprio, que está a serviço do Estado. Os fiscais falam dos corpos maltratados dos trabalhadores, que parecem realmente ser só um corpo, um pedaço de carne, sem vontade própria, com os quais se deparam nas fiscalizações. Eles discorrem sobre a falta de condições mínimas para se trabalhar, dos riscos e adoecimentos a que os trabalhadores estão expostos no seu cotidiano, em uma cadeia fechada, com uma cadência infernal. E quando o corpo entra em cena, o mapa onde os fiscais se ancoram com suas prescrições, normas, prescrições e regras é rasgado, e se deparam com a irrupção da ordem de um real difícil de ver e que os relança ao desamparo radical. Nesse acontecimento, não existe anteparo para o olhar, nem como deixar de ver e sentir o que foi visto.

A partir do discurso dos trabalhadores, os fiscais podem perceber a desmontagem da cena do que é prescrito pela empresa, pois os trabalhadores falam da sua percepção do risco e expõem as suas dificuldades no trabalho. Mas nem sempre isso fica tão claro, em razão do trabalhador ter medo de falar contra o seu empregador, que garante “ganha pão”, o que Sousa-Duarte (2021) chama de patologia da gratidão. Nas palavras da autora, a gratidão é colocada de maneira compulsória, do ter que ser grato, mesmo que os direitos sejam colocados como benefícios, em um contexto de uma “gratidão sem limites”, ainda que em condições desfavoráveis.

« Então uma vez eu fui numa granja de galinha caipira, numa fazenda e tinha um cara desse, que ele recebia uma rapadura, uma pinga, cinquenta reais na sexta feira. E isso tava fazendo um favor, porque era aquelas heranças de padrinho, essa relação corone...essa relação corone... essa né? Que a pessoa ficou Lá, aí tinha umas deficiência, fica Lá no quartim, ainda...e eu ainda sou tão bom que eu ainda dou serviço, ainda dou uma pinga e dou comida pra pessoa... »

Tal modo de enxergar o trabalhador se assemelha com o que Marquese (2004) discute sobre a gestão da economia escravista, a organização do trabalho escravo em uma relação sempre assimétrica, de permanência histórica em contextos diferentes, em que a gestão do desamparo dos trabalhadores era feita pelos senhores de engenho, feitores do corpo e missionários da mente. Uma dificuldade segundo os entrevistados, a família não valida o discurso do trabalhador, entendendo que ele não deveria reclamar. Ela destaca a reflexão sobre a secularização e a instrumentalização dessa gratidão como controle da força de trabalho. A gratidão é utilizada como uma ferramenta ilusória para tamponar o desamparo. O subalterno não pode falar (Spivak, 2010) nem na empresa e nem se indignar em casa. Esse é um lugar de vassalagem, onde o sujeito está impotente frente ao Outro onipotente, ou seja, a empresa que paga seu salário.

« Sabe? É assim, é...coisas que a gente muitas vezes só vê no Globo Repórter e em outros lugares? Aqui também existe. Pessoas que não recebem salário e o proprietário que vai engambelando o trabalhador... ele mesmo faz as compras

muitas vezes... O trabalhador nunca consegue pagar, ele tem uma dívida com...de exploração mesmo. Então, são condições assim, a gente encontra de tudo . »

Ora, ele está em um lugar privilegiado, está empregado, não tem do que reclamar. Esse conceito se aproxima do pensamento de Bourdieu (1980 citado em Selligman-Silva, 2011) sobre as práticas paternalistas de gestão, que apregoam a dádiva como soberana à dívida, nas quais os sistemas informais e arcaicos de produção geram dívidas, tanto de natureza financeira quanto subjetivas, que colocam o sujeito em uma posição cristalizada e submissa. Esses sistemas tão complexos e refinados em sua crueldade são tão eficazes e precisos que se tornam ferramentas de dominação. E entre o desamparo, a dívida e a culpa, o sujeito faz sacrifícios dia após dia. (Ambertin, 2009).

“Eu já fui num galpão de fazer panelas é...de alumínio escondido... clandestino, que só abre de madrugada, que os vizinhos reclamam de madrugada e a gente consegue e tal. Aí cê vê um rapaz de dezoito, dezenove anos, já no terceiro filho, tudo coberto de alumínio, parecendo aqueles homem do sinaleiro sabe?Todo prateado?E sabendo que aquilo é super cancerígeno assim.”

Lacan lê esse campo, chamado por ele de gozo, inspirado na filosofia do direito em Hegel, que o entende como usufruto, do particular, da apropriação através de uma expropriação (Braunstein, 2007). Em sua obra, Lacan teoriza sobre várias modalidades de gozo, seus arredores e seus paradigmas. Entretanto, este vasto campo aqui vai ser recortado como um imperativo de excesso, da expropriação e do gozo do corpo do trabalhador pelo capital, calcado na ética da utilidade, do trabalhador que serve ao Capitalismo, assim mesmo, com letra maiúscula, onipotente. É o Outro que interpela o sujeito e que pode devorá-lo. Esse capitalismo que o explora por meio do trabalho e o coloca num lugar coisificado, de simulacro humano, retira a sua subjetividade e o faz um objeto dejetivo, descartável:

“Eles trabalham às vezes sem água, sem banheiro, eles vão no mato né?...E todas as vezes esses trabalhadores com chinela de dedo carregando tijolos, E... e cê sabendo que ele pode cair, sem nenhuma proteção pros teus pés... E eles limpando, porque dentro das cerâmicas eles tem o piso, embaixo desse piso eles colocam as lenhas pra queimar... Como se fosse ali um forno pra cozinhar...Só que as cinzas vão acumulando, então tem que ser limpo esses locais...Então os próprios trabalhadores tem que entrar nesses buracos sem proteção nenhuma, sem roupa, sem luva, sem máscara...manual com as mãos...eles queimam porque eles tem que abastecer esse forno...E tem vários cânceres.”

Para Parente (2017), nas experiências de inquietante estranheza, “é a fronteira entre a ficção e a realidade que se apresenta de maneira borrada, ultrapassando limites que anteriormente pareciam claros. A experiência do estranho embaralha a visão e deixa qualquer paisagem real turva diante dos olhos anteriormente acomodados.” (p.598) Marcel Proust (1998) apud Kheil (2009) aborda essa invasão involuntária da memória por situações e experiências que parecem estranhas ao sujeito, é uma

“invasão no presente por uma minúscula lasca viva do passado” (p.150) Nessa dimensão do campo do angustiante, nas cenas em que o horror diante de uma imagem está presente, em que os fiscais se deparam com diversos ambientes e processos de trabalho insalubres no seu cotidiano de trabalho, que fazem parte do cotidiano de trabalho dos trabalhadores, cabem as seguintes perguntas: isso afeta a sua subjetividade? Ele sente algo? O que eles fazem com isso que é da ordem do inesperado e do desamparo? :

“Fica assim, diante da situação às vezes cê fica boba, cê precisa de um tempo pra processar aquilo, cê fala nossa não acredito que eu estou vendo isso, que isso ainda existe...No mundo, no século vinte e um a gente vê alguma situação em que está acontecendo que as pessoas se submetam a isso, então você vê o que as pessoas se submetem para sobreviver...Eles pegam um porco que acabou de matar, o porco gritando, pendurado, aquela água quente, ele pode queimar, causar queimadura nele, fervendo, ele pega esse porco e joga, e começa a girar o porco com a mão, às vezes sem luva, sem proteção nenhuma, molhando ele, aquela água quente...peso da morte daquele animal...Aquilo fica na cabeça da gente...Teve alguns colegas do município que não conseguiu ver.”

No contexto pandêmico, foi frequente o espanto e o horror diante de denúncias que chegavam diariamente, de trabalhadores que pediam socorro por situações extremas de desamparo, tais como: de serem obrigados a usarem a mesma máscara por uma semana, ou não terem máscaras para trabalhar, serem transportados em ônibus lotados sem qualquer distanciamento ou normas de higiene sanitária. Os fiscais são unânimes ao dizer que – tanto na modalidade de teletrabalho, ou seja, trabalho à distância, quanto presencial –, que nunca se trabalhou tanto quanto nesse tempo pandêmico e que ainda vivenciaram sentimento de culpa, pois, enquanto uns trabalhadores estavam em casa, devido ao Decreto governamental 9.634/2020, que permitia as mães de crianças pequenas e acompanhantes de idosos que trabalhassem em *home office*, uma das modalidades do teletrabalho, que é realizado na residência do trabalhador, outros técnicos continuaram as fiscalizações nas viagens de trabalho, nas quais a contaminação pelo vírus era mais um dos riscos a que estavam expostos em um momento em que o sujeito tem ameaçada a sua unidade:

“Eu fiquei só remoto, mas sofri horrores por ver os colegas na ponta, sofri mesmo, eu tive duas noite em claro rezando por colegas, porque eu me sentia muito culpada.”

“Além do risco de contaminação ao COVID agora que a gente não parou de trabalhar, a gente vai às empresas, cê tá correndo o risco de se contaminar com o COVID.”

A terceira temporalidade diz respeito ao instrumento de trabalho que dá legitimidade ao fiscal para agir: a Portaria que o nomeia fiscal, já que não são servidores de carreira. Essa condição de trabalho atrai nossa atenção ao pensar que o alicerce do trabalho do fiscal, o que lhe dá legitimidade, a referida Portaria, também não deixa de ser um símbolo de precariedade, um significante que representa o claudicar. Com a

Portaria claudicante, o fiscal está o tempo todo de sobreaviso. Será que isso o impede de agir e de avançar por medo de perder a sua Portaria? Menezes (2012) insiste que é preciso pensar nesses rastros da precarização do trabalho, fundamentado na psicanálise e na saúde do trabalhador, em uma articulação entre civilização, desamparo e trabalho.

« É uma atuação de risco. A gente enfrenta riscos no trabalho. E a gente não recebe insalubridade e periculosidade. A gente se sente um pouco sozinho, porque qualquer problema que dê, por exemplo de processos da empresa contra a gente, o Estado não nos representa. Nós estamos sozinhos na situação. E se acontecer algo, a gente tem que custear advogados por conta própria. Então assim nesse sentido a gente se sente desamparado sabe? E nós não temos um plano de cargo de fiscal, nós estamos como fiscal e a qualquer momento podemos deixar de ser. Eu acho que esse é o grande desafio. É diferente do fiscal do município que ele tem um plano, ele é fiscal e pronto. Agora nós não, nós estamos...acho que é assim um grande desafio sabe. »

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do conceito de desamparo, percorremos o campo do angustiante e fizemos um recorte de três das suas faces: o horror, o terror e o estranho. Esse caminho teórico nos permitiu tecer articulações com o trabalho e bordejar as experiências de inquietante estranheza que se mostraram no discurso dos trabalhadores entrevistados. Pudemos pensar a Psicanálise como arcabouço teórico que pode contribuir com os estudos do mundo do trabalho e trazer um aprofundamento para essas questões que nos inquietam.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 10ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

BRAVERMAN, H. **Trabalho capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX**. 3ª edição. Rio de Janeiro: LTR, 1987.

BRAUNSTEIN, N. **Gozo**. São Paulo: Escuta, 2007.

CASSIN, B.; SANTORO, F.; BUARQUE, L. **Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário de filosofias**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

DIDI-HUBERMAN, G. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 2012.

DURAS, M. **Escrever**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

- FACAS, E. P. **Sociedade da performance e a falácia do discurso neoliberal**. In: Psicopolítica e Psicopatologia do Trabalho. Porto Alegre: Fi, 2020, p.63-75.
- FERREIRA, J. B. **Vida e morte no mundo do trabalho: neoliberalismo como patologia bio e necropolítica**. In: Psicopolítica e Psicopatologia do Trabalho. Porto Alegre: Fi, 2020, p.17-34.
- FREUD, S. (1895). **Projeto para uma psicologia científica**. Volume I. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1895, p. 10-71.
- FREUD, S. **Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa**. Volume III. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1896, p.94-99.
- FREUD, S. **Totem e tabu**. Volume XIII. In: Freud, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro, Imago, 1913, p.7-176.
- FREUD, S. **O Estranho**. Volume XVII. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1919, p.233-274.
- FREUD, S. **Inibições, sintomas e angústia**. Volume XX. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1926, p. 10-98.
- FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Volume XXI. In: Freud, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro, Imago, 1930, p.37- 91.
- GAULEJAC, V. **Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social**. São Paulo: Idéias e letras, 2007.
- HAN, B. **A salvação do belo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.
- HAN, B. **A sociedade do cansaço**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- KHEL, M.R. **O tempo e o cão: A atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.
- IANNINI, G., & TAVARES, P. H. **Freud e o infamiliar**. In: Freud, S. O Infamiliar / Das Unheimliche. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p.5-22.
- LACAN, J. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1951.
- LACAN, J. (1958). **A significação do falo**. In: Escritos: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1958, p.685-696.
- LACAN, J. (1959-60). **O Seminário livro 7: A Ética da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1959-1960.

LACAN, J. **Diretrizes para um congresso sobre sexualidade feminina**. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1960, p. 725-736.

LACAN, J. **O seminário livro 8: a transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1960-1961.

LACAN, J. **O Seminário livro 10: A angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1962-1963.

LACAN, J. **O Seminário livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1964.

LAPLANCHE, J. & Pontalis, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARQUESE, R. B. **Feitores do corpo, missionários da mente: senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas - 1600-1860**. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

MASSON, L. O. A. **Estudo das características da experiência de temporalidade em homens com crises de pânico a partir dos desejos e defesas**. [Tese de Doutorado]. São Paulo: Universidade de São Paulo - USP e Argentina - Universidad de Ciências Sociales e Empresariales, 2021.

MENDES, A. M. **Discurso capitalista colonial e a patologia da melancolização**. In: Psicopolítica e Psicopatologia do Trabalho. Porto Alegre: Fi, 2020, p.76-88.

MENEZES, L. S. **Desamparo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

MENEZES, L. S. **Psicanálise e saúde do trabalhador: nos rastros da precarização do trabalho**. São Paulo: Primavera editorial, 2012.

NÓBREGA, F. L. **Clínica e política da angústia**. In: Conferência proferida no grupo de estudos Aletheia. Goiânia, 2022.

PARENTE, M. A. **Sublimação e Unheimliche**. Coleção Clínica Psicanalítica. São Paulo: Pearson Editora, 2017.

PEREIRA, M. E. C. **Pânico e desamparo: um estudo psicanalítico**. São Paulo: Escuta, 1999.

PORTUGAL, A. M. **O vidro da palavra: O estranho, literatura e psicanálise**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SAFATLE, V. **Fetichismo: colonizar o outro**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2020.

SELIGMANN-SILVA, E. (2011). **Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo**. São Paulo: Cortez.

SOUSA-DUARTE, F. **Patologia da gratidão: da crítica à clínica**. In: V. N. Figueiredo (Moderadora). Circuito de Palestras do Programa de Pós-Graduação em Educação Câmpus Pantanal (PPGE-CPAN), UFMS, on-line, Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=pYqIECFzXJw&t=1132s> Acesso em 26/01/2021.

SPIVAK, C. G. (2010). **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG.

Contato dos autores:

Autor: Danniella Davidson Castro
E-mail: dannidavidsonpsic@gmail.com

Autor: Emilio Peres Facas
E-mail: emiliopf@gmail.com

Manuscrito aprovado para publicação em: 27/06/2024.